



arquivo municipal de lisboa videoteca

O ciclo TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS pretende levar a pensar e a descobrir os modos pelos quais o cinema não só retrata mas reinventa Lisboa. A cada ano, um tema irá provocar o visionamento comentado de quatro ou cinco filmes, com a participação de alguém que estuda o tema em questão e o realizador do filme mostrado ou outro convidado que possa falar sobre ele.

Para a primeira edição deste ciclo, em 2015, iremos desde logo abordar aquele que é talvez o encontro mais potente no que diz respeito aos modos pelos quais os filmes imaginam os lugares: o encontro entre o Cinema e a Arquitetura.

TODAS AS 4^{as} FEIRAS DE MAIO DE 2015, ÀS 18H30
NO ARQUIVO MUNICIPAL - VIDEOTECA, LARGO DO CALVÁRIO Nº2

ciclo 1. ARQUITETURA

em colaboração com o Arquiteturas Film Festival

Fruto de uma colaboração entre o Arquivo Municipal de Lisboa - Videoteca e o *Arquiteturas Film Festival*, este programa assume o tema da Arquitetura não tanto como um fim em si mesmo, mas acima de tudo como um mote. E será a própria arquitetura do edifício da Videoteca a lançar as pistas para, através do visionamento de quatro filmes, estimular uma compreensão amplificada de algumas das grandes transformações e desafios que Lisboa enfrentou, enfrenta e continuará a enfrentar. As quatro sessões de conversas que constituem este programa terão assim, e por todas as razões, lugar no próprio edifício da Videoteca.

Quem entrar na Videoteca poderá observar, através da arquitetura do seu espaço, todas as camadas de tempo que o edifício foi atravessando ao longo da sua história, que remonta pelo menos até ao final do séc. XVI. Acaba assim por funcionar como uma espécie de “barómetro” das tremendas mudanças que ocorreram na zona de Alcântara desde então. De forma semelhante, também as imagens em movimento têm o poder de cristalizar um determinado espaço num tempo muito preciso. Por isso, para este ciclo procurou-se selecionar filmes que pudessem funcionar também como “barómetros” das diversas mutações e transmutações que Lisboa, e até o restante país, foi enfrentando.

Em cada sessão teremos três convidados. Sempre que possível, um dos convidados será o realizador do filme em questão; o outro terá sempre que ser um arquiteto; e por fim haverá também um investigador, que trabalhe sobre o cinema a partir da perspetiva que este ciclo propõe. Cada convidado será desafiado a comentar o filme a partir de cenas concretas por si selecionadas que serão projetadas durante a conversa. No fim da sessão é mostrado o filme inteiro no pequeno auditório da Videoteca, ao mesmo tempo que, nos postos individuais de visionamento, serão exibidos outros filmes que não só estão associados a ele, mas permitem continuar a conversa sobre a sua relação com a Arquitetura – num modo particular de conversar e ver os filmes, a que o vídeo incita.

programa

6 de maio, 18h30

***Crónica dos Bons Malandros*, Fernando Lopes (1984).**

comentado por José Manuel Fernandes, Maria João Seixas e Paulo Cunha

O filme revela-nos uma Lisboa pop, colorida, excitante e mirabolante. Por um lado fascinada com a importação de alguns “americanismos”, por outro lado sempre intrinsecamente e resistentemente portuguesa.

21h30 projeção de ***Crónica dos Bons Malandros***, 90'

e em simultâneo, nos postos individuais:

Vida Moderna, Jacques Tati (1967), 115'

Tráfico, João Botelho (1998), 108'

Belarmino, Fernando Lopes (1964), 90'

13 de maio, 18h30

Três Palmeiras, João Botelho (1994).

comentado por João Botelho, João Rosmaninho e Manuel Graça Dias

Três Palmeiras acompanha sete horas de um dia em Lisboa, imaginado a partir de espaços reais. Feito de uma textura onde vidas ficcionadas tão verosímeis quanto a realidade se cruzam com vidas reais mais improváveis que a própria ficção, o filme é assim tanto sobre a cidade como sobre o (seu) cinema.

21h30 projeção de ***Três Palmeiras***, 68'

e em simultâneo, nos postos individuais:

Vai e vem, João César Monteiro (2003), 179'

Manual de Evasão LX, Edgar Pêra (1994), 52'

Lisboa no Cinema – um ponto de vista, Manuel Mozos (1996), 107'

20 de maio, 18h30

O Estado das Coisas, Wim Wenders (1984)

comentado por Filipa Rosário, Luís Miguel Oliveira, Rui Mendes

Acompanhando um momento de impasse de uma rodagem que começa na Praia Grande e acaba em LA, O Estado das Coisas levanta, talvez mais fortemente do que qualquer outro destes filmes, a questão do falso e da ficção. Lisboa é aqui completamente diferente daquela que se vê nos filmes anteriores: paisagem esvaziada, interrompida, até apática, é simultaneamente espaço melancólico e cenário apocalíptico.

21h30 projeção de ***O Estado das Coisas***, 116'

e em simultâneo, nos postos individuais:

Doc's Kingdom, Robert Kramer (1988), 90'

Paris, Texas, Wim Wenders (1984), 140'

Until the end of the world, Wim Wenders (1991), 152'

27 de Maio, 18h30

Ruínas, Manuel Mozos (2009).

comentado por Manuel Mozos, Luís Santiago Baptista e Paulo Catrica

Acumulação de edifícios abandonados, vazios, silenciosos, todos eles atravessados por vozes e histórias que não lhes pertencem, o filme é, nesse movimento, uma acumulação de muitos tempos, perceptíveis no presente de cada ruína. Não é um filme sobre Lisboa, mas o retrato de um país inteiro, onde, talvez mais especialmente do que em qualquer outro, uma discussão sobre a transformação é inseparável de outra, sobre o abandono.

21h30 projeção de ***Ruínas***, 60'

e em simultâneo, nos postos individuais:

Jaime, António Reis (1974), 35'

Hospedaria, Pedro Neves (2014), 20'

Reconversão, Thom Andersen (2012), 65'

sobre o edifício

O número 2 do Largo do Calvário, onde está localizada a Videoteca, é um lugar imbuído de uma temporalidade impossível de ignorar. Trata-se de uma parcela de um conjunto edificado que remontará ao séc. XVI, altura em que esta estrutura albergava as cocheiras do Palácio Real. Com o terramoto de 1755, o Palácio ficou bastante destruído e a Casa Real foi forçada a abandonar Alcântara, tendo que alterar definitivamente os seus planos de ali criar uma “nova” Lisboa Ocidental. Dez anos mais tarde o palácio é totalmente reconstruído, nunca recuperando contudo a sua magnificência original, fica e passa apenas a servir de residência a aristocratas até que, no final do séc.XIX, o velho palácio é finalmente vendido para loteamento.

A configuração do Largo do Calvário chegou aos dias de hoje praticamente intacta desde que lá se instalou o Palácio Real, mas toda a restante zona de Alcântara sofreu radicais transformações. Na entrada do séc.XX, o pacato subúrbio campestre metamorfoseou-se no maior pólo industrial de Lisboa. Por esta altura, o edifício onde hoje se situa a Videoteca começa a funcionar como estrutura cultural: primeiro como Clube de Lisboa, depois como Centro Marques Leitão e finalmente como Sociedade Promotora de Educação Popular, que mantém ainda hoje uma parcela deste conjunto. Foi esta sociedade que, em 1912, ali montou uma pequena sala de cinema no 1º andar do edifício e mais tarde, em 1930, inaugurou uma ampla sala de cinema, com capacidade para 480 lugares, tendo sido uma das primeiras salas de Lisboa dotadas de sistema sonoro. Em 1991 instala-se aqui a Videoteca Municipal, equipamento cultural aberto a toda a população e destinado a preservar a memória de Lisboa através das imagens em movimento, a qual foi integrada no Arquivo Municipal de Lisboa em 2011.

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA - VIDEOTECA

Largo do Calvário nº2

videoteca@cm-lisboa.pt | arquivomunicipal@cm-lisboa.pt

www.videoteca.cm-lisboa.pt | arquivomunicipal.cm-lisboa.pt



Parceira



Media partner

OBSERVADOR ●●